



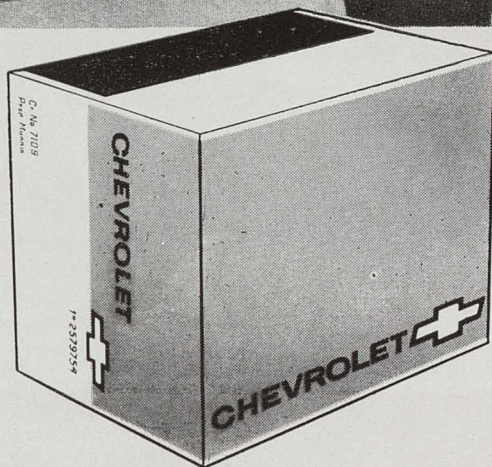
*aLiAhona*

ABRIL DE 1964



"Fiquei sabendo hoje:  
as peças para o meu caminhão  
mudaram de nome.  
Chamam-se agora  
CHEVROLET genuínas!"

"... e V. reparou  
também como  
a embalagem mudou?"



A coisa mais fácil do mundo é comprar uma  
peça nova para o seu Chevrolet. E mais: as  
peças de reposição CHEVROLET são testadas  
uma-por-uma e levam a garantia integral da  
fábrica. Para sua segurança, compre somente  
peças CHEVROLET genuínas. A qualidade V.  
já conhece!

PEÇAS



**CHEVROLET**

**GENERAL MOTORS DO BRASIL S.A.**

# índice

Experiências inesquecíveis .....	6
Frutos do evangelho merecem todo esforço .....	10
Nossa terra prometida .....	18

## ARTIGO ESPECIAL

O Brasil possui a mais rica flora do mundo .....	14
--	----

## SEÇÕES ESPECIAIS

Jóias do pensamento .....	3
Editorial .....	4
Jesus, o Cristo .....	10
Sacerdócio nas missões .....	16
Mensagem dos Mestres Visitantes .....	20
Juventude da Promessa .....	21
Poesia .....	27

# a liahona

ABRIL DE 1964

VOL. XVIII — N.º 4

*Órgão Oficial das Missões Brasileiras da  
Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*

### Editores

Finn B. Paulsen  
Wayne M. Beck

### Redatora

Diva Ferreira

### Fotógrafo

Bruce LeRoy Christensen

### Circulação

Maria Tereza Covacs

### PREÇOS:

Exterior: ANO .... US\$ 4,00  
No Brasil: ANO ... Cr\$ 500,00  
Exemplar: ..... Cr\$ 50,00

Abril de 1964

### Missão Brasileira

R. Henrique Monteiro 215,  
C. P. 862, S. Paulo, SP, fone:  
80-4638.

### Missão Brasileira do Sul

R. Gen. Carneiro 490, C. P. 778,  
Curitiba, PR, fone: 4-8016

Registrado sob N.º 93 do Livro B,  
N.º 1 e Matrículas de Oficinas Im-  
pressoras Jornais e Periódicos, con-  
forme Decreto N.º 4.857, de 9-11-1930.  
Composto e impresso na Edit. Gráf.  
Rossolillo Ltda.- R. Rui Barbosa, 333,  
S. Paulo.

## Jóias do Pensamento

A LEI DO TRABALHO

RICHARD L. EVANS

“O homem intencionalmente ocioso... não tem lugar numa comunidade sadia, rica e virtuosa. O homem mais feliz é aquele que tem trabalhado muito e obtido sucesso em sua vida. O trabalho pode ser realizado de diversas maneiras; com o cérebro e com as mãos, no campo, em lojas ou em escritórios. Tudo o que devemos esperar do trabalho é que seja honesto e bem desempenhado. Os pais inteligentes ensinarão seus filhos não a evitar as dificuldades, mas a enfrentá-las e vencê-las...; o reconhecimento de que o trabalho é a lei fundamental de nosso ser nos ajudará... a encarar os problemas que defrontamos...” (Theodore Roosevelt, *A Nation of Pioneers*, 1901.)

É claro que não podemos separar o trabalho do que é fruto da parte mais sensível, espiritual e criativa que existe dentro de nós. Não há uma linha rígida separando o espiritual do mental e do material.

A lei que Deus deu a Adão: “No suor do teu rosto comerás o teu pão...” não se referia exclusivamente ao trabalho como sustento material, mas também como lei para a salvação da alma. O fato é que não podemos salvar um homem ou dar-lhe grande felicidade sem ponderação, sem salvar todos os aspectos de sua vida, sem que contribua honesta, construtiva, digna e alegremente com aquilo que ele já é e com o que pode fazer, a fim de conseguir realizar tudo com sucesso.

Brooks sumariza o assunto, dizendo: “Procure no trabalho o alimento para sua vida. Não pense que depois de você ter comprado ou vendido, estudado ou ensinado, pode ir a seu aposento, abrir a Bíblia e reparar as perdas e danos do dia. Haja bem e insista que suas compras e vendas, estudo ou ensino façam de você um homem valente, puro e santo! Não deixe que sua ocupação o passe para trás, ficando apenas com seu básico e mais pobre benefício, isto é, o dinheiro que recheia seu bolso. Entretanto, exija que a vida lhe dê a caridade, fé, caráter e toda a bondade que ela tem em seu âmago...” (Phillips Brooks, *Make the men sit down*)

“Todas as coisas mantêm sua melhor natureza apenas se tiverem as melhores oportunidades de uso... a melhor maneira de conseguir que uma coisa se preste à finalidade para a qual foi idealizada é fazer com que seja utilizada naquele sentido... A melhor forma de tornar a mente preguiçosa capaz de pensar é fazê-la pensar.” (Ibid., *Brotherhood in Christ*)

E a melhor maneira de ponderar a vida e gozar o máximo de seus benefícios é aprender a amar o trabalho.

(A Palavra Proferida da Pça. do Templo, apresentada pela KSL e Columbia Broadcasting System, no dia 1 de setembro de 1963.)



## “Nenhum outro nome”

pele Presidente David O. McKay

Há pouco tempo foi rodado um filme sobre a responsabilidade que têm as famílias quanto ao trabalho genealógico. As palavras de encerramento foram proferidas por mim e eu gostaria de repeti-las agora:

“Uma das mais importantes fases da atividade do evangelho relaciona-se com os templos. Da inteligente e constante pesquisa genealógica é que depende completamente o trabalho vicário. A pesquisa genealógica não é apenas uma função do sacerdócio, mas também uma responsabilidade de cada família. Quando conscientemente realizada, contribui para a unidade no lar e permite-nos ter uma visão da natureza divina. Portanto, que nós como uma igreja e como um povo trabalhemos com toda a nossa força para que possamos ser qualificados como salvadores no Monte Sião.”

Como Igreja e como povo, por que razão dispêndemos nosso tempo e esforço primeiro no trabalho genealógico e então nos templos?

Lembramos que numa certa ocasião um legislador dos judeus perguntou a Jesus qual a maneira adequada de entrar no reino de Deus. Acreditava que Jesus poderia responder-lhe com autoridade porque, disse êle: “...sabemos que és Mestre, vindo de Deus;...” Talvez o mundo nunca venha a saber os detalhes daquela conversação a respeito do evangelho, mas as significativas palavras de Jesus dão uma boa visão de seu propósito:

“Na verdade, na verdade te digo, que aquêle que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus.” (João 3:5)

Palavras simples estas, enfáticas, e de fácil entendimento, embora Nicodemos aparentemente não tenha entendido seu significado.

Em uma outra ocasião, na mesma cidade, estava reunida grande multidão de judeus ouvindo o testemunho de um apóstolo, de que Jesus era o Filho de Deus, o Salvador Ressurreto. Muitos que faziam parte da assembléia tinham convicção de que o que estava sendo dito

era a verdade. Entendendo que o Autor da salvação eterna havia sido crucificado na cidade em que habitavam, e que êles e seus concidadãos haviam rejeitado seus ensinamentos sobre a salvação, disseram: “...Que faremos varões irmãos?” (Atos 2:37)

Importante pergunta esta, evidentemente, a mesma que fêz o legislador dos judeus a Jesus, dois anos antes. É interessante que a resposta do apóstolo indicou o mesmo meio de salvação da resposta de Jesus a Nicodemos:

“...Arrependei-vos e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo.” (Ibid. 2:38)

Agora surge a pergunta: se o arrependimento e o batismo de água e do Espírito são essenciais para a salvação, como entrarão no reino de Deus os milhões de seres humanos que nunca ouviram o evangelho, que não tiveram oportunidade nem de se arrependerem nem de serem batizados? Certamente, um Deus de amor nunca estaria satisfeito se a maioria de seus filhos estivesse fora de Seu reino, vivendo eternamente em ignorância, miséria ou inferno. Tal pensamento é revoltante para as mentes inteligentes.

Por outro lado, se êsses milhões que morreram sem ter ouvido o evangelho podem entrar no reino de Deus sem obedecer os princípios e ordenanças do evangelho, então as palavras de Cristo a Nicodemos não foram a afirmação de uma verdade geral e eterna, e as palavras de Pedro no dia de Pentecostes não tinham aplicação universal, ainda que tenha dito simplesmente:

“Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos e a todos os que estão longe; a tantos quantos Deus nosso Senhor chamar.” (Ibid. 2:39)

O evangelho de Jesus Cristo ensina que toda a humanidade pode ser salva através de obediência às leis e ordenanças. O termo *toda* não tem significado restrito, incluindo apenas uns poucos escolhidos; compreende todos os filhos de nosso Pai Amado e Divino.

Tôdas as nações e raças têm uma súplica justa à misericórdia de Deus. Uma vez que há somente um plano de salvação, logicamente deve haver certa provisão, segundo a qual os "incontáveis mortos" possam ouvi-lo e ter o privilégio tanto de aceitá-lo como de rejeitá-lo.

Pedro diz-nos que depois da morte o Salvador "...foi e pregou aos espíritos em prisão; os quais nou- tro tempo foram rebeldes, quando a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé..." (1 Pedro 3:19-20) Por- tanto, Cristo pregou o evangelho "também aos mortos, para que, na verdade, fôssem julgados segundo os homens na carne, mas vivessem segundo Deus em espírito."

É evidente que se Cristo pregou o evangelho nova- mente ao povo que o rejeitou, seria injusto que os que nunca o haviam ouvido não tivessem a mesma oportuni- dade de ouvi-lo.

Nos dias em que o Salvador ensinou entre os homens, foi entendido não só este princípio de salvação, como também a necessidade de serem batizados, pois, como disse Jesus, devem cumprir a ordem para entrar no reino de Deus. Uma vez que esta ordenança não lhes foi admi- nistrada enquanto estavam vivos, seria viável adminis- trá-la por procuração.

Paulo referiu-se a esta prática de batismo em seu argumento em favor da ressurreição. Disse:

*"Doutra maneira, que farão os que se batizam pelos mortos, se absolutamente os mortos não ressuscitam? Por que se batizam eles pelos mortos?"* (1 Cor. 15:29)

O mundo pseudo-cristão, não esclarecido pela reve- lação, tem se embaraçado quanto ao significado dêste sim- ples texto, e não poucos comentadores tentaram explicar seu verdadeiro significado; mas seu conteúdo prova sim- plesmente que, nos dias dos apóstolos, existiu a prática dêste batismo; isto é, os vivos eram imersos na água por intensão dos mortos — não os que "estavam mortos pelo pecado" mas todos aquêles que já haviam "passado para o outro lado."

No Templo de Kirtland, no dia 3 de abril de 1836, o profeta Elias apareceu a Joseph Smith e Oliver Cow- dery e conferiu-lhes os "poderes do sacerdócio" que autoriza os vivos a fazerem o trabalho vicário. Essas "chaves" foram então restauradas em cumprimento da profecia de Malaquias:

*"Eis que Eu vos envio o profeta Elias, antes que venha o dia grande e terrível do Senhor; e converterá o coração dos filhos a seus pais, para que Eu não venha e fira a terra com maldição."* (Mal. 4:5-6.)

Os corações dos pais e filhos voltar-se-ão uns aos outros, quando os pais que estão no mundo espiritual ouvirem a pregação do evangelho e entenderem que devem obedecer as ordenanças, e quando souberem que seus filhos da terra as estão realizando para eles.

Todo "trabalho para os mortos" é realizado em templos dedicados especialmente a tal propósito; onde são guardados todos os registros e onde tudo é conside- rado sagrado.

Os santos dos últimos dias, tendo a responsabilidade de levar avanté essa fase importante do serviço do evangelho, tornam-se edificadores de templos. Edifícios belíssimos e de elevado custo têm sido construídos e dedicados para êste grande empreendimento nos Esta- dos Unidos, Canadá, Inglaterra, Suíça, Nova Zelândia e Havai.

Neste princípio de salvação para os mortos está revelado o entendimento do poder de salvação do Evan- gelho e a aplicabilidade a tôda a humanidade dos ensi- namentos do Salvador. Verdadeiramente, "...em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos." (Atos 4:12)

Tôdas as ordenanças realizadas pelo sacerdócio do Altíssimo são tão eternas quanto o amor, tão compreen- sivas e duradouras quanto a vida, e através de obediência a elas, tôda a humanidade, viva ou morta, pode entrar e habitar eternamente no reino de Deus.



## Experiências Inesquecíveis

por FRANCIS L. URRY

Quando parei em uma pequena e empoeirada estrada no sul de Utah, EUA, durante a filmagem de "Janelas do Céu", uma irmã idosa aproximou-se e, tomando-me pela mão, disse: "Presidente Snow, lembro a última vez que o senhor esteve aqui. Eu era uma pequena garôta frequentadora da Primária e o senhor deu-me 50 centavos."

Usando a vestimenta do período de 1899, e caracterizado como Presidente Snow, tive oportunidade de me defrontar com uma pessoa muito humilde, membro da Igreja. Ela também estava vestida com o traje da época, fazendo o papel de um dos que desfrutaram da visita do Presidente da Igreja a Saint George, em maio de 1899. Estávamos ali para interpretar um dos incidentes da História da Igreja que tornou-se mais uma das muitas evidências autênticas de que realmente temos profetas para nos guiar nestes últimos dias.

Poucos meses de minha vida foram mais cheios de ricas e emocionantes experiências do que os gastos na produção deste esplêndido filme, que presentemente está sendo exibido em todos os ramos e alas da Igreja em todo o mundo.

O convite do diretor Wetzel O. Whitaker, do departamento de filmagem da Universidade de Brigham Young; um ajuste do meu horário para que tivesse possibilidade de participar da produção, decorar o texto, analisar o caráter de Lorenzo Snow; tudo ajudou-me a estar em condições de iniciar a filmagem de um retrato da visita histórica realizada pelo Presidente Snow a uma comunidade localizada no sul de Utah, há vários anos atrás.

Scott Whitaker e Neal Evans gastaram muitos e muitos meses com os ensaios e mesmo com a preparação do texto, para que todos tivéssemos

uma versão da ocorrência tão exata quanto possível.

Nossas primeiras cenas foram rodadas na Casa das Abelhinhas, em Salt Lake, Utah, onde a atmosfera era ideal para que se iniciasse a filmagem dessa tão importante produção da Igreja.

Numa tarde de junho de 1962, as câmeras, luzes e microfones estavam colocados no histórico edifício, quando entrei para ser caracterizado como Presidente Lorenzo Snow, por Joseph Hadley, profissional de Hollywood.

Irmão Hadley estudou cuidadosamente todas as características de uma fotografia do Presidente Snow, que possuía há algum tempo, para que pudesse assemelhar-se ao profeta o máximo possível.

Por mais de duas horas, com grande habilidade, aplicou-me a maquiagem, o cabelo e a barba, especialmente confeccionada, e, inclusive,

uma mancha em um dos lados da face, até que parecesse bastante com nosso grande líder.

Quando olhei no espelho, fiquei inicialmente surpreso com a grande semelhança, e, logo em seguida, tive receio da tremenda responsabilidade que significava representar um profeta de Deus.

Os demais atores estavam já em seus lugares quando entrei vagarosamente no grande salão de recepção da velha residência. Quietamente aproximei-me do lugar certo da cena. O diretor Whitaker pediu ao irmão Robert Stum, chefe das câmeras de estúdio, que oferecesse uma breve oração, antes que começássemos nosso trabalho.

Aquêle momento foi o início de muitas experiências comovedoras. Senti-me profundamente humilde ao escutá-lo suplicar que o Senhor estivesse todo o tempo comigo, a fim de que fôsse possível que eu sentisse a presença do Presidente Snow, enquanto estivesse desempenhando o seu papel.

Iniciamos, então, a filmagem de algumas cenas, o que levou várias horas. Fomos abençoados naquele dia e o trabalho se desenvolveu com bastante rapidez.

#### **Unidade do elenco**

Outras cenas foram filmadas no palco acústico do Estúdio da Universidade de Brigham Young, em Utah, e outras em Saint George e Ely, esta última em Nevada.

O elenco mostrou-se verdadeiramente muito unido e todos tinham o desejo sincero que fôsse conseguido o espírito daquele acontecimento histórico, que pudesse ser sentido dentro de cada um, e que as pessoas que vissem o nosso trabalho fôsem, na verdade, ajudadas e abençoadas através dele.

Naturalmente, a unidade que existiu entre nós — atores, coadjuvantes, técnicos e outros auxiliares — ajudou que se estabelecesse um clima de verdadeira harmonia, o qual continuou conosco ainda por muitos dias, semanas e meses, período em que dedicamos um esforço persistente e genuíno para o sucesso daquele empreendimento.

No mês de agosto viajamos para a cidade de Saint George e conosco havia vinte e duas pessoas que tiveram o privilégio de estar presentes

no Tabernáculo em 1899, na ocasião que o Presidente Snow ali esteve, quando recebeu a revelação concernente ao cumprimento honesto da Lei do Dízimo.

Um dos irmãos McArthur aproximou-se e disse: "Eu dirigi a charrete de Francis M. Lyman de Modena até Saint George".

Agora, posso imaginar como êle e seus irmãos deveriam sentir-se emocionados e satisfeitos ao poderem reviver o sagrado e histórico acontecimento.

#### **Bênçãos do Senhor**

O Senhor realmente nos abençoou. Não foi nem um pouco fácil encontrar as roupas para o grande número de pessoas que iriam participar. Lembro-me de uma irmã que tinha muita vontade de tomar parte, mas não sabia onde poderia obter seu vestuário. Em conversa com sua sogra, esta recordou-se da existência de um velho baú, onde, provavelmente, encontraria algum material ou talvez vestidos da época.

Então a irmã conseguiu permissão para abrir o tal baú que há mais

de trinta anos se encontrava fechado. E qual não foi a sua alegria ao ver em cima de muitas outras coisas um vestido branco, já amarelado pelo tempo, que parecia ser do tamanho e estilo exato. Com apenas alguns concertos essa irmã pôde vesti-lo e participar da filmagem. Ela sentiu que o Senhor respondeu as suas orações fervorosas.

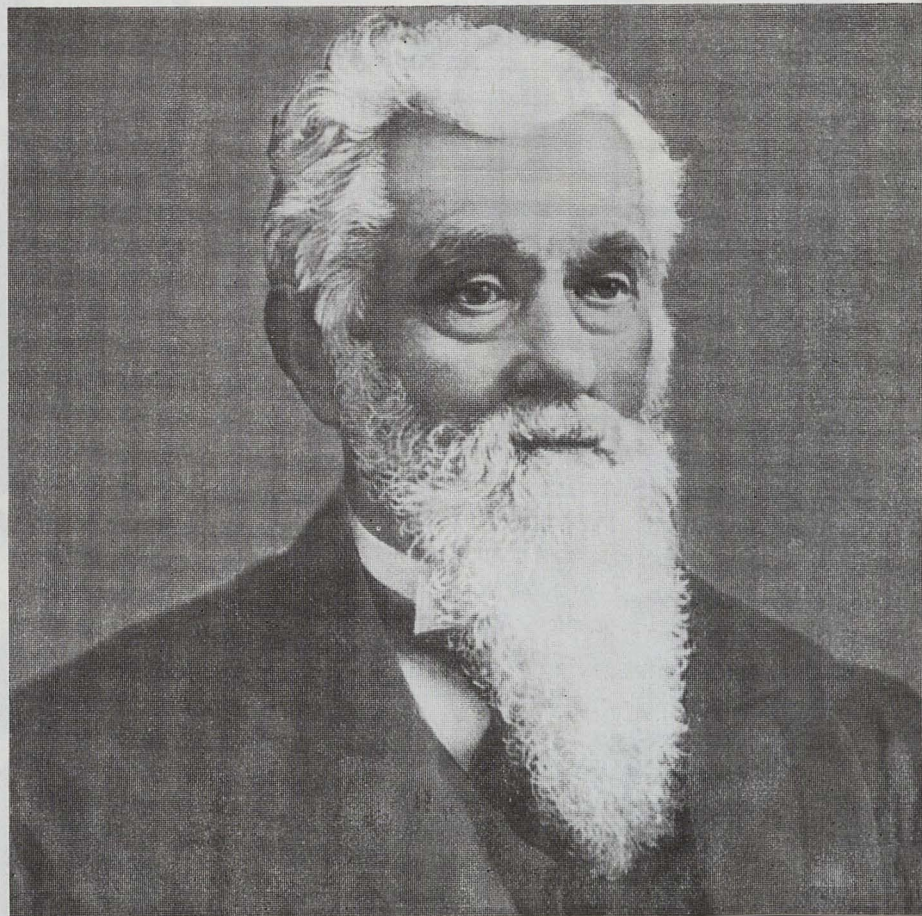
Uma família não só confeccionou o vestuário para seus membros como para muitos outros e foi da Califórnia especialmente para tomar parte na interpretação.

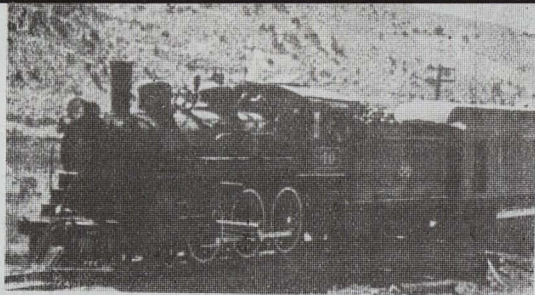
A filmagem de "Janelas do Céu" tornou-se, na realidade, uma nova história que será lembrada por muito tempo pelos fiéis e devotos santos de Saint George.

#### **Roteiro**

O Bispado em Presidência honrou-nos com sua presença na quarta-feira, dia 22 de agosto de 1962. Naquela noite iríamos filmar a entrada do Profeta no edifício completamente lotado.

Quando entrei, caracterizado como Presidente Lorenzo Snow, a audiên-





cia se levantou e cantou o hino "Damos-Te Graças". Aquêlo momento jamais será esquecido. Quem assistiu o filme compreenderá o que quero dizer quando afirmo que o Espírito e o poder de Deus estavam conosco.

No sábado, dia 25 de agosto, filmáramos as cenas do discurso e da revelação. Uma pergunta desafiadora não saía um segundo de minha mente. Como representar um Profeta de Deus recebendo uma revelação do Senhor? Que nossos profetas recebem revelação eu tinha realmente certeza. Mas, como desempenhar tão sagrado acontecimento não estava incluído em todo o meu conhecimento da arte de representar e nem em minha experiência como ator. Somente com a ajuda do Todo-poderoso é que seria possível alguém sinceramente conseguir representar esta ocorrência.

#### Oração pedindo ajuda

Nunca deixamos de orar individualmente ou em grupo. Esperávamos apenas que nos fosse concedido sentir o mesmo espírito que esteve presente naquela ocasião. O



irm  
Es  
ora

To  
ser  
nh

ap  
têr  
on  
dia  
lav

dif  
ma  
feit  
pro  
dad  
gar

tim  
rea  
nac

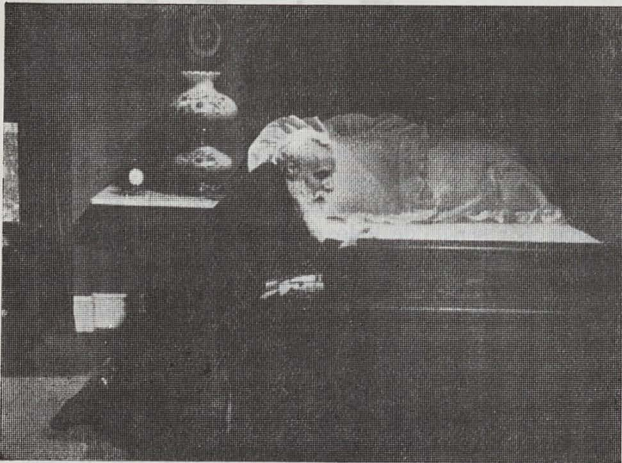
que  
ces  
e n

lha  
exp  
Se  
que  
sen

A c

ção  
dec  
res  
à p  
em  
riar

Abri



irmão Whitaker, com o consentimento do Presidente da Estaca, pediu a um velho patriarca que oferecesse uma oração a nosso favor.

As palavras dessa humilde e eloqüente prece ao Todo-poderoso, foram de súplica para que pudéssemos ser bem sucedidos e atingíssemos o propósito que o Senhor tinha em mente.

Então, mais uma vez se fez silêncio. Conseguia-se apenas ouvir o zunido ocasional das luzes de alta potência. Levantei-me e permaneci no púlpito, no lugar onde nosso querido Presidente Lorenzo Snow ficara, no dia 17 de maio de 1899, para pronunciar as mesmas palavras que, naquela ocasião ele pronunciara.

O texto desta cena exigia lágrimas. A grande dificuldade não era consegui-las, porém, recriá-las de maneira que pudesse continuar o discurso sem que fosse feita qualquer interrupção, e pronunciasse a conhecida profecia com respeito à chuva que cairia se os santos daquela área seca já há 63 anos fossem honestos no pagamento do dízimo.

Entretanto, como poderia alguém traduzir tais sentimentos em palavras? Acredito que ninguém seria realmente capaz de escrever as experiências que tivemos naquele dia.

Todos os que participaram daquelas cenas sentiram que fomos elevados em nossos corações e almas. O sucesso de nosso trabalho foi resultado das bênçãos dos céus e não somente de nossos esforços.

As experiências espirituais não podem ser partilhadas. Não consigo encontrar palavras que possam expressar fielmente minhas emoções naquela ocasião. Se qualquer pessoa quiser saber realmente o que sentimos, que analise suas próprias emoções quando assistir a apresentação do filme.

#### **A cena final**

O filme termina com a cena de uma sagrada oração, quando vemos o Presidente Snow ajoelhado, agradecendo a Deus pela bênção de chuva enviada à terra ressecada de Saint George em 1899, em cumprimento à profecia feita. Ele lhes dissera que se daquele dia em diante fossem fiéis no pagamento do dízimo, poderiam replantar seus campos que, no devido tempo, as

chuvas cairiam dos céus, suas terras seriam molhadas e eles teriam uma colheita ainda naquela estação.

Embora tenhamos repetido a cena várias vezes, não se tornou mecânica. Preocupava-me com a genuinidade de uma sincera oração, oferecida por um dos mais humildes servos do Senhor, expressando gratidão pelas bênçãos recebidas e pelo cumprimento de uma promessa.

Quando levantei, não somente eu, mas todo o elenco e as demais pessoas estavam em lágrimas. Por algum tempo, ninguém pôde articular palavra alguma. Tivemos o privilégio de sentir nossos espíritos avivados e nossas almas elevadas a novas alturas.

Não temos a menor dúvida que o Senhor nos abençoou em nossos esforços. Desejamos humildemente que este filme possa realizar uma importante missão entre os que o assistirem. Talvez, quando milhares de pessoas houverem sentido o espírito da mensagem, compreenderão, como eu, que a oração do irmão Robert Stum, na Casa das Abelhinhas, naquela noite de junho de 1962, foi realmente respondida.



# Frutos do Evangelho Merecem Todo Esfôrço

Quando se houver expirado a vida terrena e as coisas aparecerem em suas verdadeiras perspectivas, veremos e entenderemos mais claramente o que o Senhor e os nossos profetas têm dito repetidamente, isto é, que os frutos do Evangelho são os únicos objetivos que merecem todo o esfôrço. Seu possuidor obtém a verdadeira riqueza — a riqueza do código de valores do Senhor.

Precisamos constantemente aprofundar nosso entendimento e aprimorar nossa compreensão de quais são os frutos do Evangelho.

Esses frutos — a segurança de que obteremos a vida eterna, a paz neste mundo sustentada por tal segurança, e finalmente a vida eterna no mundo vindouro — estão a nosso alcance.

Às vêzes, entretanto, em virtude de nossa falta de entendimento e apreciação dêles, acredito que nos des preocupamos. Achamos que por sermos membros da Igreja, receberemos naturalmente tôdas as bênçãos do Evangelho... Entretanto, não penso que seja assim na realidade.

Devíamos pensar bem no discurso feito pelo Profeta a respeito de uma visão da ressurreição, onde registra que uma das coisas mais tristes que jamais testemunhou foi a mágua dos membros da Igreja que ressuscitaram em um nível inferior àquêle pelo qual não se preocuparam de forma alguma em receber.

Acredito que as bênçãos do evangelho são de um valor inestimável e que o preço para elas deve ser bem

exato, e se bem entendi o que disse o Senhor, assim é.

O preço, no entanto, está ao alcance de todos nós, porque não é para ser pago em dinheiro nem em quaisquer outros bens materiais do mundo, mas em retidão. O que é requerido é devoção sincera ao Evangelho e dedicação à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Falando sôbre este assunto, o Profeta ensinou: "...que aquêles que guardam os mandamentos do Senhor e andam segundo os Seus estatutos até o fim, são os únicos indivíduos" que receberão as bênçãos.

(*Excertos de um sermão do Elder Marion G. Romney, do Conselho dos Doze, em 30 de setembro de 1949, no Tabernáculo de Salt Lake.*)

## JESUS, O CRISTO

### O MENINO DE NAZARÉ — CAPÍTULO IX

JAMES E. TALMAGE

José, Maria e seu Filho permaneceram no Egito até depois da morte de Herodes, o Grande, cujo acontecimento foi anunciado por uma outra visita angelical. Sua permanência em terra estrangeira foi, provavelmente, breve, pois Herodes não viveu muito tempo mais após haver determinado a morte dos meninos de Belém. No retôrno da família ao Egito, o evangelista vê o cumprimento da profética visão de Oséias: "Do Egito chamei Meu Filho."<sup>a</sup>

Parece que José teve a intenção de fixar residência na Judéia, possivelmente em Belém — a cidade de seus ancestrais e um lugar, então, muito mais significativo para êle, por ter sido o berço do Menino de Maria — porém, sabendo no caminho que Herodes, filho de Arquelaú, estava agora governando no lugar de seu pai que se achava enfraquecido, José modificou seu propósito; "...mas, avisado por Deus em sonho, foi para as partes da Galiléia. E chegou e habitou numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que fôra dito pelos profetas: Êle será chamado nazareno."<sup>b</sup>

Enquanto Arquelaú, que parece ter sido herdeiro natural da iniquidade e crueldade de seu pai, governava na Judéia,<sup>c</sup> por um curto período de tempo como rei,

então com o título menos nobre de etnarca, que lhe havia sido dado pelo imperador, seu irmão Antipas governava como tetrarca na Galiléia. Herodes Antipas era quase tão depravado e reprovável quanto outros membros de sua família sem princípios, mas era menos agressivo e vingativo, e no período de seu reinado foi comparativamente tolerante.<sup>d</sup>

As escrituras fazem apenas uma breve menção da vida de José e sua família em Nazaré. O silêncio mantido quanto aos primeiros anos da vida de Jesus pelos historiadores inspirados é impressionante; enquanto os registros fantasiosos escritos nos últimos anos por mãos não autorizadas estão repletos de detalhes fictícios, muitos dos quais positivamente revoltantes em sua inconsistência pueril. Ninguém senão José, Maria e os outros membros mais chegados da família ou amigos mais próximos poderiam ter fornecido os fatos da vida diária no humilde lar de Nazaré; e dêstes informantes qualificados é que Mateus e Lucas, provavelmente, obti-

a. Mateus 2:15; compare Oséias 11:1.

b. Mat. 2:19-23. Nota 5 no fim do capítulo.

c. Nota 1, no fim do capítulo.

d. Nota 2, no fim do capítulo.

veram o conhecimento sobre o qual escreveram. O registro feito por estes, que conheciam os fatos, é caracterizado por uma brevidade notável. Nessa ausência de detalhes, podemos evidenciar a genuinidade dos relatos das escrituras. Escritores engenhosos poderiam ter fornecido, como mais tarde o fizeram, o que procuramos em vão nos capítulos dos Evangelhos. Com um silêncio santo, os escritores inspirados honram a meninice de seu Senhor; aqueles que procuram inventar circunstâncias e inferior sobre a vida de Cristo com adições fictícias desonram-no. Leia atentamente a verdade a respeito da infância do Cristo: "E o menino crescia e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele."<sup>e</sup>

Com tal simplicidade é que se desenvolve natural e normalmente o Menino Jesus. Ele veio entre os homens para experimentar todas as condições naturais da mortalidade; nasceu um menino dependente e frágil como qualquer outra criança; Sua infância foi em todos os fatores como a de outros meninos; Sua meninice foi genuína e Seu desenvolvimento tão necessário e real como o de todas as outras crianças. Em Sua mente tinha o véu de esquecimento comum a todos que nascem na terra, pelo qual é apagada qualquer lembrança da existência anterior. O Menino cresceu e com o crescimento recebeu expansão mental, desenvolvimento de faculdades e aumento em poder e entendimento. Seu progresso foi de uma graça a outra e não do nada para a graça; do bem para um bem maior, não do mal para o bem; de favor com Deus para um favor maior, não do afastamento resultante de pecado para a reconciliação através de arrependimento e propiciação.<sup>f</sup>

Nosso entendimento a respeito da lei judaica justifica a inferência de que o Menino foi bem ensinado a respeito da lei e escrituras, pois esta era a regra. Ele obteve conhecimento pelo estudo e ganhou sabedoria pela oração, meditação e esforço. Sem dúvida foi treinado a trabalhar, pois a ociosidade era detestada naquela época como o é agora; e qualquer menino judeu, quer filho de carpinteiro, camponês ou herdeiro de rabi, devia aprender e seguir uma vocação prática e produtiva. Jesus era tudo que um menino podia ser, pois Seu desenvolvimento não foi retardado pelo peso do pecado; Ele amou e obedeceu a verdade e, portanto, era livre.<sup>g</sup>

José e Maria, devotos e fiéis na observância da lei, iam a Jerusalém todos os anos para a festa da Páscoa. Esta comemoração religiosa, deve ser lembrado, era uma das mais solenes e sagradas entre as muitas comemorações cerimoniais dos judeus; foi estabelecida na ocasião no êxodo do Egito, em lembrança do poder pelo qual Deus libertou Israel, depois que o anjo de destruição havia assassinado os primogênitos em todo o Egito e misericordiosamente passado ao largo dos lares dos filhos de Jacó.<sup>h</sup> Era de tamanha importância, que sua ocorrência anual marcava o início de um novo ano. A lei exigia que todos os homens se apresentassem ao Senhor nessa festa. Era regulamento que a mulher também fizesse o mesmo, caso não estivesse impedida legalmente; e Maria parece haver seguido tanto o espírito da lei como da letra do regulamento, pois habitualmente acompanhava seu marido na reunião anual em Jerusalém.

Quando Jesus atingiu a idade de 12 anos, foi levado por Sua mãe e José para a festa, como requeria a lei; não se sabe se o Menino esteve presente em qualquer outra ocasião. Aos doze anos de idade o menino judeu era reconhecido como membro de seu lar; era requerido, então, que se engajasse com propósito definido na vocação que havia escolhido; atingia um status individual avançado, de forma que seus pais não poderiam dispor dele como servo; era indicado para fazer estudos superiores na escola e no lar; e, quando aceito pelos sacerdotes, tornava-se um "filho da lei". Era desejo muito comum e natural que os pais levassem seus filhos para assistirem a festa da Páscoa e estar presentes nas cerimônias como membros reconhecidos da congregação quando atingiam a idade prescrita. Portanto, foi o Menino Jesus ao templo.

A festa durava sete dias, e no tempo em que Jesus a freqüentava era concorrida por grande número de judeus. Josephus fala de tal reunião pascal como "uma multidão inumerável".<sup>i</sup> O povo ia de províncias distantes em grandes companhias e caravanas, por conveniência e meio de proteção comum contra os bandos de saqueadores que infestavam o país. José e sua família viajaram numa dessas companhias. Depois de uma pesquisa infrutífera entre os amigos, voltaram a Jerusalém à procura do Menino. Sua busca foi pouco confortadora durante três dias; então "o acharam no templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os."<sup>j</sup> Não era incomum que um menino de doze anos fosse inquirido pelos sacerdotes, escribas ou rabis, nem que fizesse perguntas a esses profissionais da lei, pois tal procedimento era parte do treinamento educacional dos jovens judeus. Nem era surpreendente uma reunião de mestres e estudantes, dentro das côrtes do templo, pois os rabis daquele tempo estavam acostumados a ministrar lá; e o povo, jovem ou de idade, reunia-se a seu redor, sentando-se no chão para aprender. Mas, havia muitas coisas que eram extraordinárias nesta entrevista como, por exemplo, o comportamento dos doutores, pois nunca antes haviam tido oportunidade de se defrontarem com um estudante de tal categoria, de forma que "todos que O ouviam se admiravam de seu entendimento e respostas". O incidente dá evidência de uma infância bem aproveitada e prova de conhecimento incomum.<sup>1</sup>

O espanto de Maria e seu espôso ao encontrar o Menino em companhia tão distinguida, e sendo objeto de deferência e respeito, e a alegria de ver novamente seu amado Filho, que para eles já era considerado perdido, não banuiu inteiramente de sua memória a angústia provocada por Sua ausência. A mãe disse: "Filho, por que fizeste assim conosco?" A resposta do Menino os deixou atônitos, por ter revelado, de forma que não entendiam antes, Seus poderes de julgamento e entendimento rapidamente amadurecidos. Disse: "Por que é que me procuráveis? Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?"

- e. Lucas 2:40. f. Nota 3, no fim do capítulo.
- g. Compare com Seus ensinamentos depois de haver atingido a estatura de varão, veja João 8:32.
- h. Deut. 16:1-6; compare Exo. 12:2.
- i. Josephus; Wars of the Jews, ii, 1:3.
- j. Lucas 2:46; leia 41-52.
- l. Compare com Mat. 7:28,29; 13:54; Lucas 4:22.

Não digamos que houve uma repreensão indelicada e não filial na resposta deste filho respeitoso à Sua mãe. Sua resposta foi para Maria uma lembrança de que ela parecia haver se esquecido por um momento — a paternidade de Seu filho. Ela usou as palavras “teu pai e eu”; e a resposta de seu Filho trouxe-lhe à mente que, na verdade, José não era o pai do Menino. Ela parece ter ficado atônita que um jovem pudesse tão completamente entender Sua posição com respeito a ela. Ele lhe demonstrou a inadvertida inexactidão de Suas palavras; Seu Pai não O estava buscando; pois não estava Ele naquele momento na casa de Seu Pai, e particularmente engajado em Seu trabalho, para o que O havia designado?

Ele não insinuou dúvida quanto à maternidade de Maria; embora indiscutivelmente tenha mostrado que reconhecia como Seu Pai, não José de Nazaré, mas o Deus dos Céus. Maria e José não compreenderam a importância de Suas palavras. Ainda que Ele entendesse Sua obrigação baseada em Sua filiação divina, e mostrasse a Maria que sua autoridade como mãe terrena estava subordinada à de Seu imortal e divino Pai, Ele a obedeceu. Não obstante os doutores estarem interessados neste Menino excepcional, principalmente por lhes haver dado muito a ponderar através de suas perguntas e sábias respostas, não podiam detê-lo, pois deviam prestar estrita obediência à autoridade paternal. “E desceu com eles e foi para Nazaré, e era-lhes sujeito. E sua mãe guardava no seu coração tôdas estas coisas.”

Que segredos maravilhosos e sagrados estavam guardados no íntimo daquela mãe; e que novas surpresas e graves problemas se adicionariam dia a dia nas manifestações de sabedoria exibida por seu Filho mais que mortal! Ainda que nunca houvesse esquecido completamente, às vezes parecia olvidar a exaltada personalidade de seu Filho. Que tais condições deveriam existir era, talvez, divinamente indicado. Pode ter havido apenas uma experiência verdadeiramente humana na relação entre Jesus e Sua mãe, ou entre Ele e José, se o fato de Sua divindade fôsse dominante ou mesmo proeminentemente aparente. Maria parece nunca haver entendido completamente seu Filho. Em cada nova evidência de sua singularidade ela se maravilhava e ponderava. Ele era seu, e num sentido mais real, não completamente seu. Havia na relação de ambos um mistério majestoso, ainda que sublime, um segredo santo que aquela mãe escolhida e abençoada hesitava em dizer mesmo a si mesma. Por Sua causa, o medo deve ter lutado com a alegria em sua alma. A lembrança da gloriosa promessa de Gabriel, o testemunho dos pastores alegres, e a adoração dos magos deve ter lutado com a portentosa profecia de Simeão, dirigida a ela pessoalmente: “E uma espada transpassará também a tua própria alma.”<sup>m</sup>

Quando aos eventos dos dezoito anos seguintes, a volta de Jesus de Jerusalém para Nazaré, as escrituras silenciam. Há apenas uma rica sentença de grande importância: “E crescia Jesus em sabedoria e em estatura, e em graça para com Deus e os homens.”<sup>n</sup> Simplesmente este Filho do Altíssimo não estava investido com uma plenitude de sabedoria, desde o berço.<sup>o</sup> Vagarosamente a segurança de Sua missão como Messias, de cuja vinda leu na Lei, nos profetas e nos salmos, desenvolveu dentro de Sua alma; e, na preparação devotada para o ministério que teria seu fim culminante na cruz, ele passou

os anos de sua juventude e idade adulta. Através das crônicas dos últimos anos, sabemos que foi considerado sem qualquer dúvida como filho de José e Maria, e irmão de outras crianças menores da família. Era chamado tanto de carpinteiro como de filho do carpinteiro; e, até o início de Seu ministério público, parece ter sido de pouca proeminência, mesmo na sua pequena comunidade.<sup>p</sup>

Ele viveu uma vida simples, em paz com seus semelhantes, em comunhão com Seu Pai, portanto crescendo em favor com Deus e os homens. Como mostrado em Suas aparições em público, depois que se tornou homem, êsses anos de reclusão foram gastos em ativo esforço, tanto físico como mental. Jesus era observador profundo da natureza e dos homens. Era capaz de dar exemplo utilizando as várias ocupações, vocações e profissões para ilustrar Seus ensinamentos. Os modos dos doutores e médicos, as maneiras dos escribas, os fariseus e os rabis, os hábitos do pobre, os costumes do rico, a vida do pastor, do fazendeiro, do vinhateiro e do pescador, eram todos conhecidos por Ele. Considerava os lírios do campo, e a grama do prado e das montanhas, as aves que não fiavam nem se abrigavam em celeiros, mas viviam da generosidade de seu Criador, as raposas em suas covas, os carinhosos cachorros domésticos, as galinhas abrigando sua ninhada em suas asas protetoras — tudo isto contribuía para a sabedoria em que Ele crescia, como também as questões do tempo, a recorrência das estações, e todos os fenômenos de mudança e ordem natural.

Nazaré foi o lar de Jesus até que atingiu trinta anos de idade; e, de acordo com o costume de designação de indivíduos pelos nomes de suas cidades, além de seus nomes pessoais,<sup>q</sup> nosso Senhor veio a ser geralmente conhecido como nazareno, ou nativo de Nazaré, e este fato é citado por Mateus como um cumprimento de predição anterior, embora nossa atual compilação das escrituras do Velho Testamento não contenha registro de tal profecia. É praticamente certo que esta predição estava contida em algumas das muitas escrituras existentes na antiguidade, mas perdidas.<sup>s</sup>

Que Nazaré era uma vila obscura, de pouca honra ou renome, é evidenciado na dúvida de Natanael, que, ao ser informado de que o Messias era Jesus de Nazaré, perguntou: “Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?”<sup>t</sup> A incrédula pergunta passou a ser um provérbio ainda hoje muito expressivo de qualquer fonte promissora ou de bem não popular. Natanael vivia em Caná, há poucos quilômetros de Nazaré, e sua surpresa com a nova trazida por Felipe, concernente ao Messias, é incidentalmente evidência do retiro em que Jesus viveu.

Assim se passou a meninice, juventude e a idade adulta do Salvador da humanidade.

m. Lucas 2:35. n. Lucas 2:52.

o. Nota 3, no fim do capítulo.

p. Mat. 13:55,56; Marcos 6:3; Lucas 4:22; compare com Mat. 12:46, 47; Gal. 1:19.

q. Para exemplos ilustrativos, veja José de Arimatéia (Marcos 15:43); Maria Madalena, assim conhecida por ser da cidade de Madala (Mat. 27:56); Judas Iscariotes, possivelmente cognominado de acordo com sua descendência em Kerioth. (Mat. 10:4; veja últimos parágrafos do segundo subtítulo do capítulo 16.)

r. Mat. 21:11; João 18:5; 19:19; Atos 2:22, 3:6; veja também Lucas 4:16.

s. Nota 4, no fim do capítulo. t. João 1:45,46.

1. *Arquelau reinou no lugar de Herodes* — “Em sua morte, Herodes (o Grande), deixou um testamento segundo o qual seu reino deveria ser dividido entre seus três filhos. Arquelau ficaria com a Judéia, Iduméia e Samaria, com o título de rei (Mat. 2:22). Herodes Antipas receberia a Galiléia e Peréia, com o título de tetrarca; e Felipe o território transjordânico com o título de tetrarca (Lucas 3:1). Este testamento foi retificado por Augusto, com a exceção do título dado a Arquelau. Este, depois da ratificação do testamento de Herodes por Augusto, passou a governar a Judéia, Samaria e Iduméia, com o título de etnarca, entendendo que, se governasse bem, se tornaria rei. Entretanto, era muito malquisto pelo povo, e seu reinado foi assinalado por atos de opressão e distúrbios. A situação tornou-se finalmente tão intolérável, que os judeus apelaram a Augusto e Arquelau foi removido e exilado. Isto comprova a afirmação de Mateus (2:22) e possivelmente também sugere o sentido da parábola de Lucas (19:12 etc.) — Standard Bible Dictionary, Funk and Wagnalls Co., verbete “Herodes”. No início de seu reinado, saciou sumária vingança contra o povo que se aventurava a protestar contra a continuação da violência de seu pai, assassinando mais de três mil pessoas; e a terrível semente de carnificina foi perpetrada em parte dentro dos recintos do templo. (Josephus, Antiquities xvii, 9:1-3).

2. *Herodes Antipas* — Filho de Herodes I (o Grande) com uma mulher samaritana, e irmão sanguíneo de Arquelau. De acordo com o testamento de seu pai, tornou-se tetrarca da Galiléia e Peréia (Mat. 14:1; Lucas 3:19; Atos 13:1; compare com Lucas 3:1). Repudiou sua esposa, filha de Aretas, rei da Arábia Petréia, e se uniu ilegalmente com Herodias, esposa de seu meio-irmão Herodes Felipe I (não o tetrarca Felipe). João Batista foi aprisionado e finalmente morto, em virtude da angústia de Herodias pela denúncia de sua união com Herodes Antipas. Herodias convenceu Antipas a ir a Roma e pedir a Cesar que lhe desse o título de rei (compare Marcos 6:14 etc.). Antipas é o Herodes mais freqüentemente mencionado no Novo Testamento (Marcos 6:17; 8:15; Lucas 3:1; 9:7; 13:31; Atos 4:27; 13:1). É o Herodes a quem Pilatos enviou Jesus para ser julgado, aproveitando-se que Cristo era conhecido como galileu, e do fato coincidente da presença de Herodes em Jerusalém naquela ocasião para assistir à Páscoa (Lucas 23:6, etc.). Para mais detalhes veja o Standard Bible Dictionary ou os dicionários de Smith e Cassell.

3. *Testemunho de João, o apóstolo, a respeito do progresso de Cristo em conhecimento e graça* — Em revelação moderna, Jesus, o Cristo, tem confirmado um registro de João, o apóstolo, o qual aparece apenas em parte em nossa compilação das escrituras antigas. João, portanto, atesta a realidade do desenvolvimento natural do crescimento de Jesus da infância à maturidade; “E eu, João, vi que a princípio Ele não recebeu da plenitude, mas recebeu graça por graça; e a plenitude não recebeu da plenitude, mas foi de graça em graça, até receber a plenitude; e assim Ele Se chamou Filho de Deus, porque não recebeu da plenitude a princípio.” (D&C 93:12-14).

Não obstante este curso graduado de crescimento e desenvolvimento, depois de Seu nascimento na carne, Jesus Cristo havia se associado com o Pai desde o começo, como aparece na revelação citada. Lemos: “E ele (João) testificou, dizendo: Eu vi a Sua glória, e que ele era no princípio, antes de o mundo ser; portanto, no princípio era o Verbo, pois Ele era o Verbo, mesmo, o mensageiro da salvação — a luz e o Redentor do mundo; o Espírito da verdade, que veio ao mundo, porque o mundo foi feito por ele, e n'Ele estava a vida e a luz dos homens. Os mundos foram

feitos por Ele; e os homens foram feitos por Ele; tôdas as coisas foram feitas por Ele, por meio d'Ele, e d'Ele. E eu, João, presto testemunho de que contemplei a Sua glória, como a glória do Filho Unigênito do Pai, cheio de graça e verdade, mesmo do Espírito da verdade, o qual veio e habitou na carne e habitou entre nós.” (versos 7-11)

4. *Escrituras perdidas* — O comentário de Mateus sobre José, Maria e Jesus em Nazaré, “E chegou e habitou numa cidade chamada Nazaré para que se cumprisse o que fora dito pelos profetas: Ele será chamado nazareno.” (2:23), com o fato que nenhuma palavra dos profetas é encontrada em qualquer dos livros contidos na Bíblia, sugere a certeza de haverem escrituras perdidas. Aquêles que se opõem à doutrina de revelação contínua entre Deus e Sua Igreja, com base na idéia de que a Bíblia é completa como uma coleção de escrituras sagradas, e que alegam que a revelação não encontrada nela deve portanto ser espúria, podem proveitosamente tomar nota dos muitos livros não incluídos na Bíblia, ainda que nela mencionados, geralmente de forma a não deixar dúvida que uma vez foram considerados autênticos. Entre essas escrituras, podem ser mencionadas as seguintes: (algumas delas ainda existem hoje e são classificadas com o Apócrifa; mas o maior número não é conhecido. Lemos do Livro dos Convênios (Exo. 24:7); Livro das Guerras do Senhor (Num. 21:14); Livro do Reto (Josué 10:13); Livro dos Estatutos (I Sam. 10:25); Livro de Enoque (Judas 14); Livro dos Atos de Salomão (I Reis 11:41); Livro de Natã, o profeta, e de Gade, o vidente (I Cron. 29:29); Livro de Aias, o silonita e das visões de Ido, o vidente (2 Cron. 9:29); Livro de Semaías (2 Cron. 12:15); História do Profeta Ido (2 Cron. 13:22); Livro de Jeú (2 Cron. 20:34); os Atos de Usias, por Isaias, filho de Amós (2 Cron. 26:22); Ditados dos Videntes (2 Cron. 33:19); uma epístola de Paulo aos Coríntios perdida (I Cor. 5:9); uma epístola aos efésios (Efes. 3:30); uma epístola perdida aos colossenses, escrita na Leodicéia (Cor. 4:16); uma epístola perdida de Judas (Judas 3).

5. *Nazaré* — Uma cidade da Galiléia, cuja menção bíblica se encontra no Novo Testamento apenas. Josephus não diz nada a respeito do lugar. O nome da vila existente, ou a Nazaré de hoje, é En-Nazirah. Ocupa uma localidade montanhosa que fica ao sul do Líbano e “dá uma vista esplêndida da planície de Esdraelon e o Monte Carmelo, e é muito pitoresca.” (Zenos) O autor do verbete “Nazaré” no dicionário bíblico de Smith identifica a moderna En-Nazirah com a Nazaré antiga baseado nas seguintes escrituras: “... e o levaram até ao cume do monte, onde a cidade deles estava edificada...” (Lucas 4:29); é dentro dos limites da província da Galiléia (Marcos 1:9); é perto de Caná (João 2:1, 2, 11); há um precipício na vizinhança (Lucas 4:29); e uma série de testemunhos até a época de Eusébio representam o lugar ocupando tal posição”. O mesmo autor acrescenta: “Sua população é de 3 ou 4 mil habitantes; poucos são maometanos e o resto cristãos latinos e gregos. A maioria das casas são de pedra e bem construídas, parecendo serem simpáticas e confortáveis. As ruas e vielas são realmente estreitas e curvas e depois de uma chuva ficam cheias de lama tornando-se quase intransitáveis.” Na ocasião da vida de Cristo, a cidade não só era sem importância para os judeus que professavam pouco respeito pela Galiléia e pelos galileus, mas pouco honrada pelos próprios galileus, como sugere a pergunta: “Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?”, disse Natanael (João 1:46), que era galileu e nascido em Caná, perto de Nazaré (João 21:2). Nazaré deve sua celebridade a sua associação com os eventos da vida de Jesus (Mat. 2:23; 13:54; Marcos 1:9; 6:1; Lucas 1:26; 2:4; 4:23, 34; João 1:45, 46; 19:19; Atos 2:22).

# ○ Brasil possui a mais rica flora do mundo

O território brasileiro, com seus oito milhões e meio de quilômetros quadrados, estende-se desde latitudes ao norte do equador até regiões abaixo do trópico de Capricórnio. Esta enorme extensão territorial, juntamente com a variação de latitudes e de topografia, determina para o Brasil variações acentuadas de clima de uma para outra região.

Em conseqüência da grande variabilidade de climas em nosso país, conta êle com uma das mais ricas floras do mundo, se não a mais rica.

No norte são as densas matas amazônicas com suas opulentas árvores, no nordeste são as caatingas castigadas pela sêca, no Brasil central são os cerrados com suas árvores e arbustos retorcidos, assolados pelo fogo que anualmente o homem de campo lhe atea com o fim de obter rápida rebrota do capim para o seu gado. Ao longo da costa atlântica as fraldas das serras se cobrem de densas matas, onde, então, abundava o páu-brasil, que deu origem ao nome de nosso país. Mais ao sul são as matas de pinheiros

que dominam a paisagem. No extremo sul encontramos os pampas gauchos com o seu homem, o seu gado e a sua planura característica.

Além destes diferentes tipos de vegetação, há ainda outros de menor extensão, mas de igual interesse e beleza: são os babaquais e carnaubais do nordeste, os pantanaís de Mato Grosso, os manguesais e as dunas do litoral.

Com tão diversos tipos de vegetação, é de milhares e milhares o número de espécies que compõem a flora brasileira. E entre elas não faltam aquelas que nos chamam a atenção pela beleza de suas flôres, pelo colorido fulgurante, pelo doce perfume, pela exotividade apresentada por suas formas.

O europeu, o americano do norte e outros povos, ao chegarem ao Brasil se estarrecem diante da beleza de muitas de nossas árvores. Quem já viu um ipê amarelo ou roxo em plena florada compreende a razão dêsse estarrecimento. Na época da quaresma, nossas serras se cobrem, por vêzes, de roxo, com a



*Perichaeta*  
Erva do cerrado



*Gravata da mata*



*Erythrina*  
Candêlabro



*Fushsia*  
Trepadeira da serra



*Sophronitis*  
Orquídea da mata



*Epidendrum*  
Orquídea da serra

floração em massa de nossas quaresmeiras, muitas delas apresentando no mesmo pé, ao mesmo tempo, flôres de côres diversas, desde o branco até o roxo, com várias tonalidades intermediárias. Ao longo das estradas que cortam nosso país, aqui e ali, sempre encontramos gigantescos bouquês amarelos, róseos, vermelhos, formados pelas nossas Cesalpinias, Cassias, Eritrinas, paineiras em plena floração. O homem das regiões temperadas, como o europeu, não está acostumado com êste encanto da natureza, pois em seu continente as matas de pinheiros ou de faia não apresentam flôres atraentes.

Dentro de nossas florestas, até mesmo os troncos e galhos das árvores apresentam igual beleza, pois, acham-se recobertos de belíssimas orquídeas, de gravatás de flôres exóticas. Juntamente com as trepadeiras, com os belíssimos maracujás, as unhas de gato, os cipós cruz, cipó-cravo e muitos outros, o aspecto tomado por uma única árvore da mata é o de um verdadeiro jardim multicolor.

Nos cerrados do Brasil central, a florada em agosto e setembro é algo de grande beleza e curiosidade. Aí iremos encontrar, entre muitas outras espécies, o papo-de-peru (*Aristolochia*) com sua exótica flor que consegue aprisionar pequenos insetos, garantindo assim sua polinização. As *Macrosiphonias*, que logo após a queimada florescem, fazem contrastar a alvura de suas grandes flôres contra o negro dos troncos carbonizados.

Nos lagos, rios e pântanos, os água-pês, as vitórias-régias e outras plantas aquáticas dão, com o seu colorido, um delicado toque de beleza à paisagem.

Nas nossas praias, pequenas orquídeas que crescem nas dunas, ao lado de gravatás, alguns cactus e arbustos, quebram, com o colorido de suas flôres, a monotonia da branquilha da areia.

Por toda parte que caminhemos encontraremos sempre aqui e ali, a expressão colorida e multiforme da nossa imensa flora brasileira.

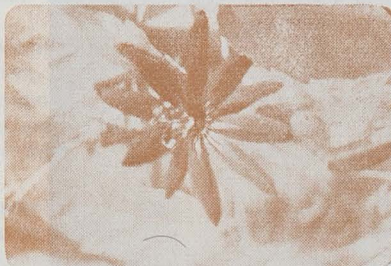
Texto e fotos de

**Leopoldo Coutinho**

Professor Assistente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo



*Aristolochia*  
Trepadeira do cerrado



*Passiflora*  
Maracujá



*Combretum*  
(Matas do Sul)



*Vriesia inflata*  
Gravatá da serra

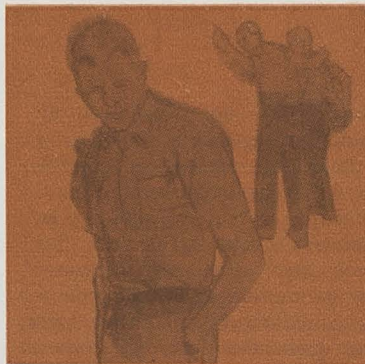


*Bougainvillea*  
Três marias

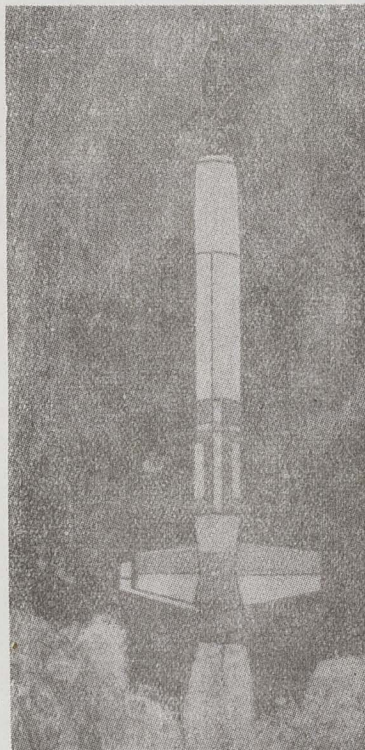


*Parkia*  
Árvore da Amazônia

# Sacerdócio nas Missões



«SE EU  
FÔSSE  
VOCÊ»



por RUSSELL L. ROGERS

Em alguns de meus momentos mais sérios de meditação, tenho pensado em nossa breve existência mortal apenas como um instante passageiro na eternidade.

Mas, nesse instante moldamos nosso caráter, a fim de nos prepararmos para a exaltação eterna. Para muitos de nós este momento de preparação não é fácil, e não acho que deveria sê-lo. Afinal, a bênção derradeira de progresso eterno seria uma falsa vitória se tivéssemos que lembrar de teste mortal e sermos forçados a admitir que apenas tivemos sorte.

Felizmente, nós, santos dos últimos dias, sabemos que esta é uma situação impossível, pois temos o conhecimento que qualquer grau de exaltação que atingirmos será por merecimento.

Esse é um princípio válido no que se refere à vida atual. É agradável experimentar uma surpresa, mas o verdadeiro sentimento de satisfação e realização resulta apenas de esforços pelo uso de nossas capacidades físicas e mentais com o objetivo de resolver o problema.

Para a maioria de nós, o conflito provocado pela tentação é o mais difícil obstáculo, especialmente durante a adolescência e o começo da idade adulta. Nossos amigos de escola têm formação religiosa diversa e, muitas vezes, somos o único santo dos últimos dias do grupo.

Esta situação pode ser problemática, uma vez que é natural querermos sentir respeito por nossos companheiros e fazer parte da maioria. Isto é razoável até que queiram ir a algum lugar ou fazer alguma coisa

que sentimos ser errada. Abandone-os e você logo ouvirá murmúrios referindo-se a você como "puritano". Você se sentirá como numa encruzilhada. Não obstante dar-se bem com o grupo e participar naquelas atividades que você sabe que estão erradas e contra seu código de conduta pessoal, sua consciência se torna um fardo quase intolerável.

Há qualquer outra maneira? Devemos limitar nossas amizades apenas aos membros da Igreja? Certamente a maioria tem mais força e estaríamos expostos a tentações com menos freqüência. É êste o dilema que nos deixa perplexos. Quando pensamos nêle essa resposta é óbvia, uma vez que não podemos nem queremos limitar nossas amizades dessa maneira.

Afinal, Jesus enfrentou uma situação bem semelhante sozinho e não limitou seu ministério exclusivamente aos que criam. Se queremos seguir o seu exemplo, não devemos nunca excluir-nos da companhia de outros em virtude das diferenças em crenças religiosas. Essa atitude far-nos-ia fanáticos.

A solução que proponho não é inicialmente fácil, mas prometo que vocês serão felizes com o resultado. Um amigo meu certa vez sugeriu-me a resposta. Ele era prisioneiro de guerra e escapou da prisão, sendo recapturado mais tarde exausto, quase morto de fome e paralisado pelo frio.

Nas primeiras três semanas foi atormentado por seus captores para assinar uma confissão falsa de espião. Sua determinação e valor caracterizaram-no como um grande guerreiro e patriota, pois seus interrogadores não conseguiram fazê-lo submeter-se.

Finalmente, um daqueles homens apanhou um revólver automático e apontou-o em sua direção. — "Obedeça e assine êsse documento, imediatamente, ou eu o matarei", esbravejou!

Houve um longo momento de silêncio quando meu amigo reviveu esta experiência, então continuou suavemente, dizendo: "Sabia que no final haveria misericórdia — passou-me pela mente uma rápida lembrança de minha esposa e filhinha — mas havia decidido há muito tempo que a morte seria melhor que trair a mim mesmo e ao meu próprio país".

Enquanto eu esperava que ele continuasse, olhei-lhe nos olhos e vi uma calma interior e serenidade de um homem sábio de três vezes a sua idade.

Ele começou novamente: "Olhei-lhe e disse que puxasse o gatilho — porque estava preparado para morrer. Fechei meus olhos e esperei o fim, mas alguns momentos depois ele abaixou o revólver e sorriu levemente, dizendo que estava apenas fazendo um teste. Nunca mais êles me perturbaram."

Fiquei abismado com a provação de meu amigo e não consegui falar. Rodamos ainda vários quilômetros em silêncio. Então ele disse a si mesmo: "Acredito que passei — conheço a mim mesmo agora."

Êste é o teste que devemos estar preparados para enfrentar. Devemos fortalecer nossas personalidades para nos tornarmos mestres de nossas vidas. Poucos de nós seremos submetidos à experiência de meu amigo, mas acho que defrontamos nosso primeiro teste de caráter quando temos amigos que vivem com outros padrões, e precisamos decidir permanecer com êles ou deixá-los. A resposta novamente é avante, mas, às vezes, chegamos a uma linha que não podemos ultrapassar. Tive oportunidade uma ou duas vezes e resolvi com a seguinte afirmação: "Você é um de meus melhores amigos, admiro-o e respeito-o, mas agora estamos começando a agir de forma que considero errada e não posso continuar a andar com você". Esta atitude lhe dará um grande êxito e atribuir-lhe-á maior respeito e admiração. Se achar justo, admoeste-o a escolher uma atitude da qual você possa participar livremente, senão, apegue-se à sua decisão e abandone-o. Talvez, você tenha que fazer uma afirmação indelicada, mas faça-a com uma dignidade humilde e adequada a seu caráter. Uma coisa prometo: você ganhará amigos em vez de perdê-los e reconhecerá que suas qualidades ganharam o respeito de todos. E, mais importante, quando você passar no teste, conhecerá uma nova pessoa.

### Dados biográficos

O major Rogers foi batizado em 1958. Nessa ocasião freqüentava a Universidade de Colorado, estudando engenharia naval. Depois de formado permaneceu na base aérea da Califórnia como piloto de experiência em aviões de guerra. Foi um dos cinco pilotos da Força Aérea nomeados para vôos experimentais com o X-20 Dyna-Soar. Ele e sua família residem em Edwards AFB, EUA, onde é secretário do ramo e professor substituto da Escola Dominical.



*E vendo o Senhor que se virava para lá, bradou no meio da sarça: Moisés, tira os teus sapatos, porque este lugar é terra santa. (Êxodo 3)*

## Nossa Terra Prometida

por Élder Sterling W. Sill

Assistente do Conselho dos Doze



Um dos mais interessantes eventos da história teve lugar há 3.400 anos, no deserto da Arábia. Após gerações de escravidão, o Senhor respondeu as orações dos israelitas cativos e com mão forte os libertou dos seus senhores egípcios. Dez devastadoras pragas abateram o povo egípcio até os israelitas obterem sua libertação.

Finalmente, atravessaram o Mar Vermelho, pisando solo enxuto e, quando estavam na outra margem, as águas se fecharam novamente sobre os exércitos do Faraó, afogando todos os perseguidores de Israel. Assim, o longo período de escravidão israelense chegou ao seu fim, e ao terceiro mês de sua libertação, se achavam acampados ao pé do Sinai.

Então, Deus chamou Moisés sobre o monte, para discutir com êle as futuras oportunidades de Israel. Desde o início do mundo o Senhor procurou sempre um povo reto e bem sucedido, do qual pudesse orgulhar-se. Deus tem certa ansiedade de ver seus filhos crescerem e desenvolverem-se. E, melhor do que ninguém, sabe que qualquer aperfeiçoamento depende do próprio povo.

Mas os israelitas, como qualquer outro povo, teve grande necessidade

da direção e orientação de uma inteligência superior à sua. Já é sabido que quando um povo fica inteiramente entregue a si mesmo, quase sempre descamba para a estrada larga que conduz à destruição. Essa tem sido a história, tanto de nações como de indivíduos, desde o começo dos tempos. Entretanto, o Senhor quer que todos os Seus filhos sejam felizes e bem sucedidos.

O primeiro passo nesse sentido é verificar se têm um entendimento claro e preciso dos problemas afetos e um acôrdo entre si de fazer o máximo possível para alcançarem suas metas. Com isso em mente, Deus disse aos israelitas:

“Portanto, se obedeceres a Minha voz e guardardes Meus convênios, sereis um tesouro peculiar a mim dentre todos os povos... E sereis para Mim um reino de sacerdotes e uma nação santa.”

O convênio feito por Deus tinha por desígnio elevar os israelitas de seu anterior estado de escravos a povo escolhido do Senhor. Naturalmente, seria necessário que abandonassem sua idolatria e vários outros pecados destruidores e que adotassem um padrão coerente com seus objetivos.

Para ajudá-los a fixar, com firmeza, em suas mentes as verdadeiras metas e assisti-los nas conquistas projetadas, o Senhor propôs que fosse estabelecido um convênio com o grupo inteiro e com cada um dos indivíduos em particular.

Moisés tomou o plano do Senhor e o colocou diante do povo. Ficaram satisfeitos com as muitas e maravilhosas vantagens oferecidas. Por isso, a uma só voz aceitaram o convênio, dizendo: "Tudo o que o Senhor tem falado faremos." E, assim, fizeram o acôrdo com o sangue dos seus animais sacrificados.

O Senhor, então, mandou que Moisés santificasse o povo e o preparasse para o memorável evento, isto é, a ocasião em que o convênio seria formalmente posto em vigor. Esta grande ocasião é parcialmente descrita nos sagrados registros como segue:

"E aconteceu ao terceiro dia, ao amanhecer, que houve trovões e relâmpagos sôbre o monte, e uma espessa nuvem, e um somido de busina mui forte, de maneira que estremeceu todo o povo que estava no arraial. E Moisés levou o povo fora do arraial ao encontro de Deus; e puseram-se ao pé do monte. E todo o monte Sinai fumegava, porque o Senhor descera sôbre êle em fogo; e o seu fumo subiu como fumo dum forno, e todo o monte tremia grandemente... E, descendo o Senhor sôbre o Monte Sinai... chamou a Moisés ao cume do monte."

Quando retornou da presença do Senhor para exortar o seu povo, sua face resplandecia com uma gloriosa radiação, de maneira que o povo não o podia encarar. E teve que pôr um véu sôbre o rosto, para que o povo permanecesse em Sua presença.

Moisés desincumbiu-se de sua missão e voltou à presença de Deus. Então, sob o acompanhamento de relâmpagos e trovões no Sinai, Deus deu a Israel a lei que até hoje serve de alicerce à conduta humana.

Esta é uma ocasião que deve ser sempre lembrada, isto é, como, no deserto, ao pé do Monte Sinai, o convênio de Deus teve, oficialmente, seu ponto de partida. Bênçãos maravilhosas seriam suas se obedecessem.

Deus prometeu conduzi-los a uma terra prometida, onde manava leite e mel. Teriam sua própria forma de governo. O próprio Deus seria seu regente. Afastaria todos os inimigos dessa terra. Faria com que seus cor-

pos se tornassem imunes a enfermidades e tivessem vida longa e feliz, como um reino sacerdotal.

Prometeu, ainda, que faria com que se tornasse uma nação santa entre tôdas as outras nações da terra. Deus os teria como um tesouro especial. Sua obrigação residia apenas em obedecer a lei, já que essa era a única maneira pela qual tais benefícios poderiam ser obtidos.

Certamente, como em todos os convênios, êste acôrdo comprometia ambas as partes. Deus deixou claro que êles deviam atentar diligentemente à Sua voz e fazer sempre as coisas sôbre as quais suas bênçãos estavam fundadas. Que tremenda empreitada significava transformar a vida de idôlatras e pecadores num reino de sacerdotes e numa nação santa.

Para esclarecer o mais possível a respeito do espírito da nova vida, Moisés tomou o Livro do Convênio e leu-o para que todo o povo ouvisse. E, outra vez, o povo indicou sua cordial e plena aceitação, respondendo em uníssono: "Tudo o que o Senhor tem falado faremos e obedeceremos." (Êxodo 24:7.)

E assim concluiu-se, a que provavelmente foi a maior conferência de cúpula já realizada no mundo.

Iniciou-se, então, a longa, interessante e dolorosa história do povo escolhido de Deus.

Durante certos períodos posteriores, o povo fez um sincero esforço para viver segundo seus convênios, e sempre que assim o faziam prosperavam.

Mas, havia outros períodos em que sua conduta provocava desdita, com tristes espetáculos de violação, fraquezas e pecados, que eram sempre seguidos pela natural punição.

Mesmo enquanto Moisés atuava como seu representante na sagrada presença de Deus, o povo que estava a sua espera no pé do monte, retornou à idolatria e fez um bezerro de ouro como objeto de devoção.

À semelhança de qualquer outro convênio, êste pacto estabeleceu as recompensas pelo cumprimento. Mas, da mesma forma, deixou claro as penalidades que seriam aplicadas se fosse negligenciado e transgredido. A lei sempre diz: Obedeça ou pague.

Tôda a obediência traz uma bênção e tôda a violação deve ser expiada. O pecado que cometeram com a construção do bezerro de ouro custou aos israelitas um grande retrocesso em sua própria moral, e mais

de 3.000 dos seus perderam sua vida, bem como as bênçãos prometidas. (Êxodo 32:28.)

Através dos anos que se seguiram houve muitos casos de reincidências no êrro, tanto pessoal como coletivo. Seus quarenta anos de privações no deserto foram por si mesmo uma punição pela sua rebeldia e desobediência. Sua maldade e pecados provocaram em Deus tamanho desgosto que Êle disse:

"...Porque Eu não subirei no meio de ti, para que te não consuma Eu no caminho." (Êxodo 33:3.)

Como substituto da presença de Deus, foi-lhes enviado um anjo para conduzi-los à sua terra prometida. Sôbre êsse anjo, disse Deus: "Guarda-te diante dêle, e ouve a sua voz, e não lhe provoques a ira, porque não perdoará a vossa rebelião; porque o Meu nome está nêle." (Êxodo 23:20-21.)

Que experiência desanimadora sôbre os séculos deve ter tido o Senhor ao ver suas esperanças constantemente destruídas, porque Seu povo escolhido sempre decaía, voltando à mesma situação, embora houvessem prometido ser fiéis.

O máximo de Suas ofensas atingiu seu pináculo quinze séculos depois de terem testemunhado o convênio no sangue de seus sacrifícios. E, no meridiano dos tempos, levaram à morte o Filho de Deus sôbre uma cruz romana e como se não fôsse o bastante, bradaram: "Sôbre nós e nossos filhos seja Seu sangue". E assim foi. Porque o povo de Deus transgrediu Suas leis, modificou Suas ordenanças e quebrou o convênio eterno, trouxe sôbre si mesmo e sôbre o mundo a longa e desoladora Idade Negra.

Mas Deus permanece o mesmo ontem, hoje e para sempre. Nêle não há sombra de mudança. Êle ainda ansia por um povo reto, que o queira amar, que aceite os princípios eternos, guarde Sua palavra e também honre Seus convênios.

Por essa mesma razão, na entrada da primavera do ano de 1820, Deus, o Pai, e Seu filho, Jesus Cristo, novamente apareceram sôbre esta terra, e realizaram uma outra conferência.

Nesta ocasião, entretanto, Êle não Se manifestou em fogo sôbre uma montanha deserta, mas apareceu num bosque sagrado na parte superior do Estado de Nova Iorque, a um jovem chamado Joseph Smith. E, ali, na nova terra dos últimos dias, foram

dadas diretrizes para o estabelecimento de um nôvo e eterno convênio com o povo desta terra.

A Igreja de Jesus Cristo foi novamente organizada e mensageiros autorizados continuam a sair para o campo, dizendo como nos tempos idos: "Todo aquêle que crer e fôr batizado será salvo, e o que crer, não será condenado."

Agora é a ocasião em que é dada a oportunidade a todo ser humano de partilhar do nôvo e eterno convênio, e podemos dizer com firme coragem: "Tudo o que o Senhor tem dito faremos."

Nestes últimos dias o sagrado experimento antigo está sendo repetido em nôvo chão, com uma nova esperança de sucesso. Guardando a lei podemos também obter o direito de sermos um povo escolhido, um sacerdócio real, uma nação santa. E Deus nos tem oferecido uma terra prometida, onde podemos ter a grande bênção da liberdade, um govêrno democrático, numa terra em que mana leite e mel. Deus deu-nos uma lei de saúde e uma promessa de bênçãos sob a condição de guardarmos todos os nossos convênios.

Numa das revelações modernas o Senhor delinearou tôdas as condições necessárias para obtermos notável sucesso, tanto nas coisas espirituais como nas materiais.

A respeito de guardarmos nossos convênios, disse:

"Na verdade digo, que se assim fizerdes, a plenitude da terra é vossa, as feras do campo e as aves dos céus, e o que sobe nas árvores e ainda sôbre a terra; sim, e a erva e as coisas boas que provêm da terra, quer sejam para alimento quer para vestuário, para casas, pomares ou vinhas.

"Sim, tôdas as coisas que provêm da terra são feitas para o benefício e uso do homem, tanto para agradar aos olhos como para alegrar o coração; Sim, para alimento e para vestuário, para gôsto e para cheiro, para fortalecer o corpo e avivar a alma.

"E agrada a Deus ter dado ao homem tôdas estas coisas; pois para êste fim foram feitas, para serem usadas, com juízo, sem excesso, ou extorsão. E em nada ofende o homem a Deus, ou contra ninguém está acesa a Sua ira, a não ser contra aquêles que não confessam a Sua mão em tôdas as coisas, e não obedecem aos Seus mandamentos." (Doutrina e Convênios 59:16-21)

## Bênçãos pelo pagamento do dízimo

### Mensagem dos mestres visitantes para o mês de maio

O pagamento do dízimo, de acôrdo com o que foi estabelecido pelo Senhor é um mandamento que vem acompanhado de promessa.

"Pois aquêle que paga o seu dízimo não será queimado na ocasião de Sua vinda." (D&C 64:23)

"E êles serão Meus, diz o Senhor dos Exércitos, naquele dia que farei serão para Mim particular tesouro." (Malaquias 3:17)

"E serás uma corôa de glória na mão do Senhor, e um diadema real na mão do teu Deus." (Isaiás 62:3)

Estas promessas dão, na realidade, muita segurança.

A honesta observância desta lei provoca modificações na vida do indivíduo:

1. É um elo de união, uma força inquebrantável que liga a pessoa sôlidamente à Igreja.

2. Faz com que o indivíduo se torne um sócio do Senhor.

O pagamento do dízimo é um seguro teste de fé. O pagador de dízimo honesto não se afasta da Igreja, nem é fraco na fé.

Na verdade, não há um mandamento que contribua mais para a edificação da fé do que o pagamento do dízimo. A observação firme desta lei é uma conquista individual.

Algumas vezes somos vagarosos quando nos é pedido que partilhemos as possessões mundanas, mas uma vez que conseguimos a fé suficiente para dar daquilo que possuímos ao Senhor, sentimos que há um aumento de devoção que se verifica paralelamente à obediência a êste princípio.

O cumprimento da lei do dízimo é o meio certo de ancorarmos na Igreja e através do qual nosso estado espiritual se torna realmente seguro.

Estamos vivendo numa época em que as grandes instituições e corporações estão se unindo com a finalidade de se tornarem mais fortes, visando assegurar seu futuro.

É importante que reconheçamos que há um grande futuro para aquêles que aproveitam da oportunidade que têm de firmar os laços com o Senhor,

tornando-se Seu sócio através do pagamento do dízimo.

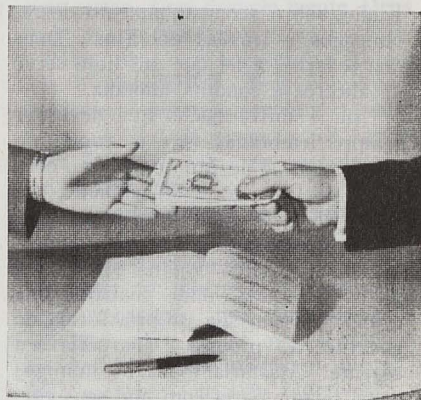
Com o cumprimento honesto dessa lei, nós nos tornamos participantes ativos na construção e manutenção de capelas, templos e escolas. Também através da observação desse mandamento é possível aliviar muito sofrimento e possibilitar que seja levado avante o grande plano do trabalho missionário da Igreja. Haverá qualquer investimento que seja mais produtivo?


Aquêles que não pagam dízimo podem tornar-se ricos, mas êles permitem que a riqueza tire de seus corações o que têm de mais precioso, isto é, sua religião, a fé em Deus e a alegria que resulta de uma dedicação útil.

Por outro lado, o pagamento do dízimo traz uma alegria rara, paz de espírito, segurança de harmonia entre a pessoa e o Senhor, um sentimento definido de segurança. Que mais poderia ser desejado?

Através do pagamento do dízimo cumprimos uma outra fase do princípio de obediência. E diz o Senhor a respeito do assunto:

"Eis que, na verdade vos digo, que por isso vos mandei — para que fôsseis obedientes, e para que os vossos corações pudessem estar preparados para testemunhar quanto às coisas que estão por vir." (Doutrina e Convênios 58:6)





## Juventude da Promessa

### Em sintonia

O fato de vivermos em sintonia tem suas próprias recompensas. Há alguns de nós que têm rara comunhão com a verdade ou que parecem sentir o máximo das belezas do mundo ou, ainda, que lutam com todo o esforço para enriquecer-se dos bens da vida. Há outros que se fazem cercar pela vontade do Senhor e permitem esclarecimento do Espírito Santo ou que humildemente creem e recebem com satisfação as experiências do Espírito ou que provam bom companheirismo e conhecem a doçura de amar ao Senhor e ao próximo ou que estão sempre em harmonia consigo mesmo, com Deus, com outros, observando os melhores propósitos da vida. Para aqueles que sentem um prazer singular nestas coisas incomuns, são dedicadas as edições de Juventude da Promessa deste e do mês próximo. Aquêles que estão ansiosos para descobrir o segredo de viver em sintonia, poderão tirar real proveito destas edições.

ELAINE CANNON  
(Extraído da Era of  
Youth, junho de 1963)

# A Boa Música

por TRUMAN G. MADSEN

Suponhamos que estamos a bordo de um navio. Você está no leme e aproximamo-nos de águas muito perigosas. Mas, conhecemos bem a rota e, afinal, é você o comandante.

De repente, ouvimos o tentador som de sereias, primeiramente fraco, então cada vez mais forte. Elas nos acenam, nos assustam, em seguida, nos puxam para os baixios. A idéia de naufrágio nesse momento desvanece e é quase esquecida.

Quanto mais prestamos atenção, mais irresistível se torna o som. O pensamento de aconchêgo que nos envolve é delicioso. Vibra em nossas veias, sobrepujando a razão e nossas mais selvagens fantasias; sobrepujando tudo.

O que fazer?

Há três possibilidades.

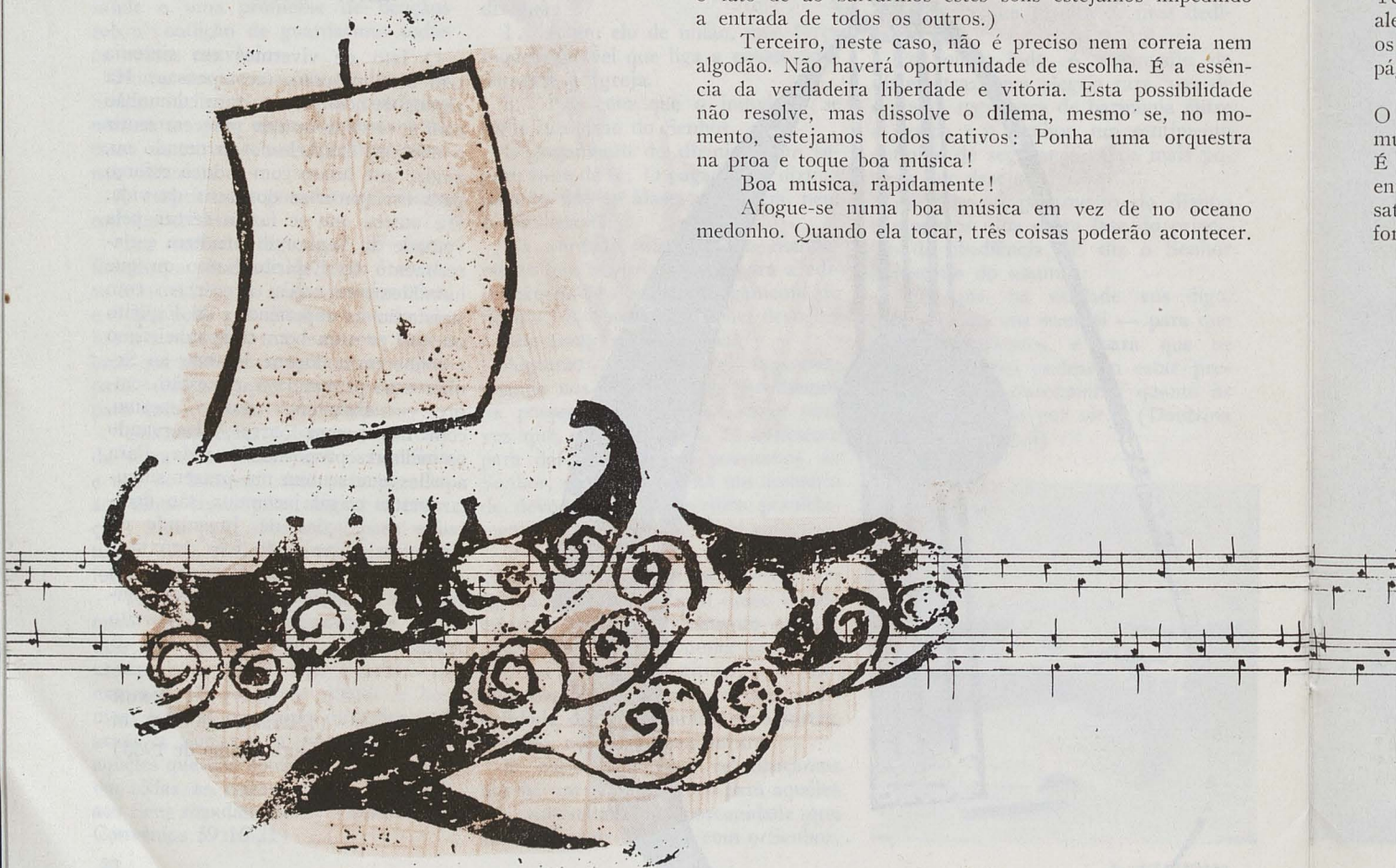
Primeiro, amarre-se ao leme com uma correia, prendendo seus braços. Enfeitiçado pelos sons, você será impedido a ficar imobilizado. (Não nos preocuparemos com sua guerra interior.)

Segundo, coloque algodão em seus ouvidos. Não permita a entrada de quaisquer sons. Faça-se surdo e, em seguida, mudo, diante da tentação. E com toda a velocidade, antes que os tripulantes estejam fascinados e haja uma revolta a bordo! (Não devemos nos preocupar com o fato de ao barrarmos êstes sons estejamos impedindo a entrada de todos os outros.)

Terceiro, neste caso, não é preciso nem correia nem algodão. Não haverá oportunidade de escolha. É a essência da verdadeira liberdade e vitória. Esta possibilidade não resolve, mas dissolve o dilema, mesmo se, no momento, estejamos todos cativos: Ponha uma orquestra na proa e toque boa música!

Boa música, rapidamente!

Afogue-se numa boa música em vez de no oceano medonho. Quando ela tocar, três coisas poderão acontecer.



Primeiro, os sons das sereias serão apagados. Como um *stereo* sobrepuja um gramofone, e uma orquestra é muito melhor que um violino, uma sinfonia mais movimentada que uma monótona cantata, tudo que valha a pena ouvir deve ser aproveitado, mas desprezado o que não tiver valor.

Segundo, você reconhece o que realmente deseja. O que pensava desejar e procurou em vão, perderá sua fascinação. O desejo ou necessidade não diminuem, mas podem aumentar. Entretanto, seu entendimento muda. E o que você agora experimenta, e o que essa experiência promete, não é apenas desejado, mas realmente desejável.

Terceiro, a boa música não só traz à tona um fragmento de sua natureza, mas tóda ela. Sua inteligência é elevada e seu espírito não mais batalha com o corpo, porém, harmoniosamente palpita em uníssono. Você é um todo, e um todo santo.

Mas, dirá você: não se encontra orquestra no mar! E o que você faz quando não há nenhuma outra música senão a das sereias?

Traduzimos a parábola e a moral aparece clara: O Espírito de Deus "enche a imensidão do espaço". Testifica Parley P. Pratt: "É medula para os ossos, alegria para o coração, luz para os olhos, música para os ouvidos e vida para todo o ser." (Key to Theology, página 102).

Esta é a orquestra tocando a música das esferas. O Espírito de Deus está sempre em todo o lugar. É a música de fundo que, cultivada, passa a plano principal. É música para ser pensada, sentida e vivida. O Espírito enriquece e glorifica, em vez de empobrecer. Tôdas as satisfações — o sabor, o perfume e o som, qualquer forma de consciência, qualquer realização satisfatória.

É, de fato, a música que pode permear qualquer outra música em sinfonia de vida.

Quando você a pode ouvir, mesmo vagamente, à distância, algumas coisas tornam-se vivas. (Quando não pode, as pessoas que falam assim parecem ou hipócritas ou doidas.)

Você vê que a satisfação que fere ou exclui todos os outros eventualmente transforma-se em cinzas.

Você vê que a paz de alma, que inclui o corpo, é mais rica que o entorpecimento por ingestão de droga.

Você vê que o casamento coroado pela glória do templo é mais romântico que uma fuga ao Reno.

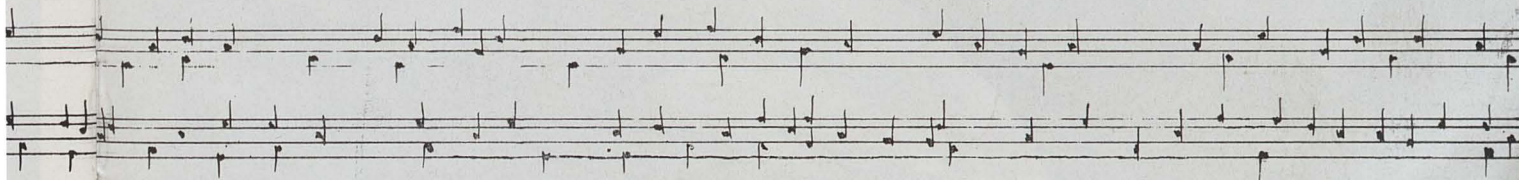
Você vê, mesmo, que a servidão e sofrimento podem ser deglutidos pelo brilho interior.

Nero ao observar corpos de santos mutilados gritou: "Estão sorrindo! Estão sorrindo!" Todos os Neros desprezam os heróis espirituais. Conhecendo apenas o som da miséria, indignam-se com a alegria da bondade. São os surdos guiando os cegos.

Juventude moderna, circundada de sereias, sua herança é o Espírito das mais radiantes Personalidades do universo. Seu Espírito precisa apenas ser ouvido, para aumentar o volume da melodia e dos instrumentos e para redimi-la das ilusões e desilusões.

Se nunca ouviu, procure ouvir. Se ouviu, você está presentemente embriagado pela música inferior e pode precisar amarrar-se com correias ao leme ou pôr algodão em seus ouvidos. Mas, finalmente, pretende-se que você não passe pela vida, apenas para enchê-la ou viver fugindo dela.

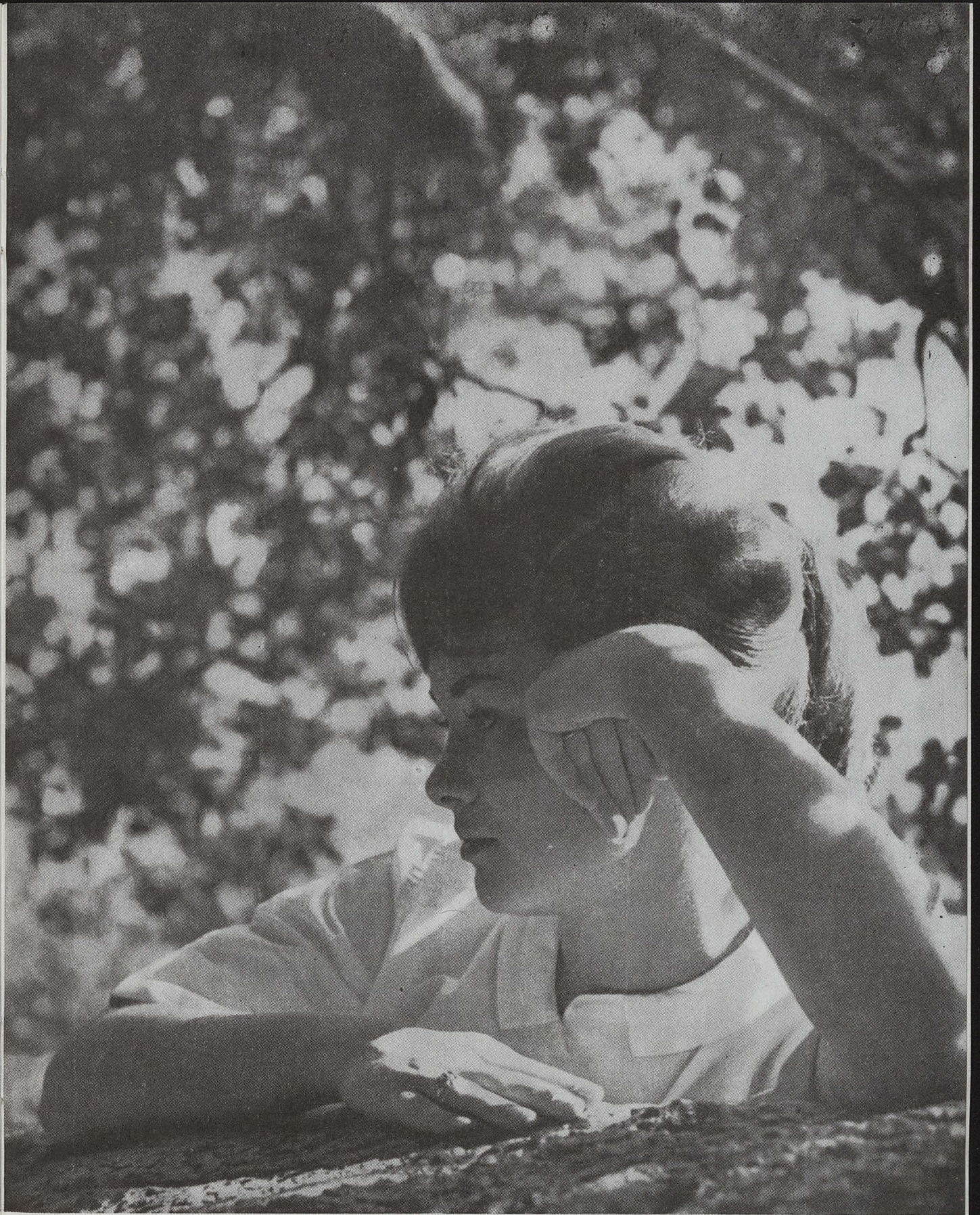
A presença da música do Espírito — Mesmo sua promessa ou lembrança — é suficiente para prevenir de naufrágios e assegurar a volta. Mas também porá em sua alma uma felicidade superior constante.



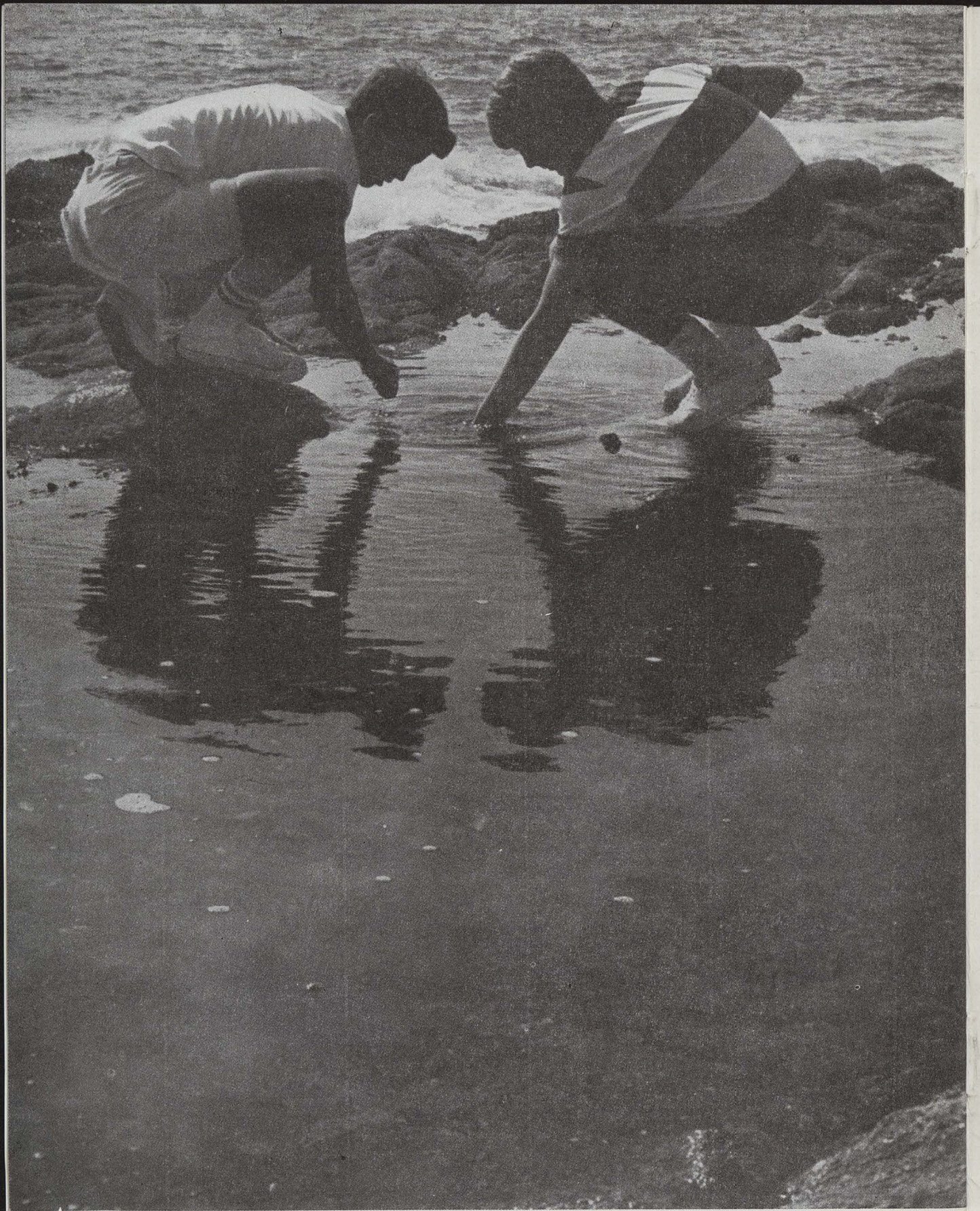


***Estar em sintonia com a juventude:***

*... é conhecer as maravilhas, o respeito religioso e a humildade no pequeno espaço de tempo que é a vida.*



... é descobrir a repentina doçura do silêncio e do ego. \* \* \* \* \*



... é procurar a beleza e encontrá-la em lugares em que não se espera.

# MINHA PRECE

Oh! Pai, Tu que Te iras  
todos os Teus dias comigo,  
dá-me a força de vencer  
para a minha alma estar sempre contigo.

Faze-me fervoroso para que  
aumente a minha benevolência.  
Torna-me crente, justiceiro,  
pacificador e grande em obediência.

Dá-me a humildade para que  
eu possa imitar o Cristo,  
e a pureza de um anjo  
como a de um vidro sem risco.

Faze de minh'alma um  
espelho onde reflita Tua imagem,  
e do meu corpo um instrumento  
para seguir-Te com coragem.

Em Ti confio e Te busco porque  
nunca desamparas os que Te procuram,  
em Ti prospero e Te louvo porque  
nunca confundes os que Te amam.

Tu és o meu divino pastor  
E nada me falta,  
Tu és a minha esplêndida rocha  
e o fértil rio que entre os cascalhos salta.

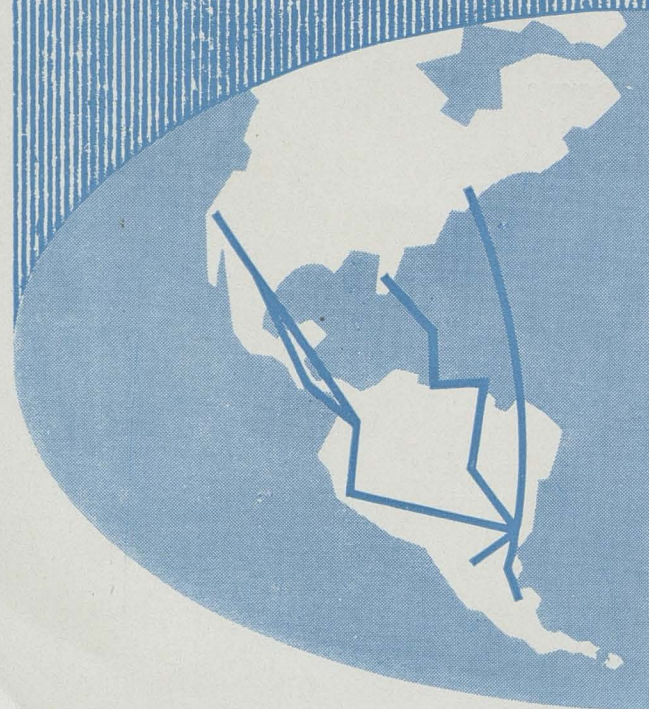
Tu és a minha força, o meu escudo,  
e a Ti confiei o meu coração.  
Tu és a razão de meu viver, e o Pai de  
meu espírito a quem dediquei esta oração.

*Ivany Landim*  
Ramo do Bosque, SP.



# JATOS

SERVINDO AS  
AMÉRICAS



## SERVIÇOS INTERNACIONAIS

NOVA YORK  
MIAMI  
LOS ANGELES  
BUENOS AIRES  
MONTEVIDÉO  
CARACAS  
LIMA  
BOGOTÁ  
PANAMÁ  
MÉXICO  
SANTO DOMINGO  
ASUNCIÓN

# VARIG

